

Epidemia de varíola (30 mil mortos) no litoral do Brasil



O MAIS PODEROSO HOMEM DO MUNDO

Com 38 anos, Filipe II é o mais poderoso monarca da Terra. Monarca de um império onde o Sol nunca se deita. Sua incontestável liderança internacional só tem uma sombra a toldar-lhe, embora ainda ligeiramente, o horizonte do Poder.

É uma sombra frágil de uma frágil mulher. Uma mulher que reina sobre um povo ilhéu, do outro lado da Mancha. Uma mulher de 30 anos que tem a correr-lhe nas veias o tempestuoso sangue de seus pais: Henrique VIII e Ana Bolena. Essa sombra, essa mulher, chama-se Elizabeth. Elizabeth I de Inglaterra.

De Salvador chega a terrível notícia de que uma epidemia de varíola está grassando no litoral do Brasil. Cêrca de 30 mil mortos já foram computados ali e no Espírito Santo. Sobre o assunto publicamos a íntegra dos despachos das nossas sucursais, na página 2.

o Brasil em Jornal

1564	"A HISTÓRIA EM NOTÍCIA"	Comum: Cr\$ 10,00
N.º 22		Aéreo: Cr\$ 12,00

NÓBREGA EXIGE GUERRA:

"A Deus eu respondo Ao Rei irei se preciso"

S. Vicente, 30, dezembro, 1564
(Da sucursal — Urgente)

— «Padre Nóbrega, que conta darei ao rei se deitar a perder esta armada?»

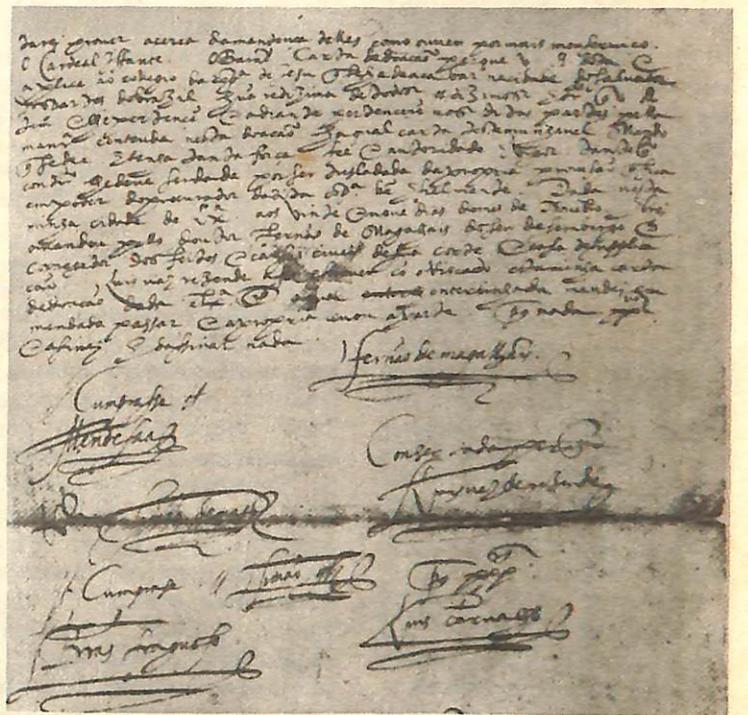
— «Eu darei contas a Deus de tudo e, se fôr preciso, irei diante do rei para responder pelo senhor!»

Estas foram as palavras trocadas há dias na presença do repórter, entre o comandante Estácio de Sá e o jesuíta Manuel da Nóbrega, quando discutiam sobre a eliminação dos franceses do Rio de Janeiro.

O «Faraó», como os índios apelidaram Nóbrega, sempre gaguejante, mas enérgico e sereno, não transige um milímetro no seu objetivo.

Sua determinação inabalável acabou por convencer Estácio, que, neste momento, juntamente com ele, mobiliza homens e apresta a esquadra para uma ação imediata.

(Na página 2 publicamos novos despachos de nossa sucursal em S. Vicente.)



DINHEIRO PARA CULTURA — A partir de 1º de janeiro próximo, parte dos impostos no Brasil será aplicada na manutenção do colégio dos jesuítas da Bahia. A data de hoje, 7 de novembro, em que o importante decreto foi assinado pelo rei D. Sebastião, é, portanto, de grande importância para a cultura. Na foto, em fac-símile, mostramos o final do ato real, parte que diz: «vendo quão apropriado é o instituto dos padres da Companhia de Jesus para a conversão dos infieis e gentios daquelas partes e instrução dos novamente convertidos, determino mandar fazer e fundar colégios à custa de minha fazenda». O decreto se destina a concluir as obras do colégio agora existente na Bahia.



Monstro do mar apavora Santos

S. Vicente, 1564 (Exclusivo de O BRASIL EM JORNAL)

Um monstro de 3 metros de altura saiu do mar e travou luta de morte com o jovem Baltazar Ferreira, filho do capitão Jorge Ferreira.

Segundo a descrição de uma testemunha de vista «era de 15 palmos de comprido e semeado de cabelos pelo corpo, e no focinho tinha umas cerdas muito grandes, como bigodes.»

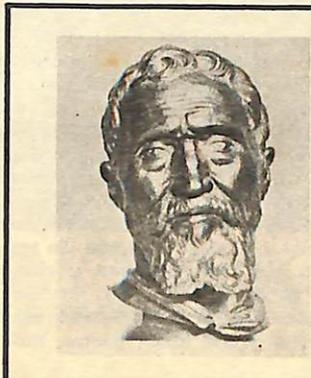
Outra testemunha contou-nos horrorizada que, passeando na praia, Baltazar viu o monstro sair d'água «e se foi a êle com uma espada». Acrescentou que o «peixe» levantou-se «como um homem, sobre as barbatanas do rabo».

De espada em punho, o filho do capitão de S. Vicente atirou-se corajosamente à «coisa» e conseguiu enfiar-lhe a espada na barriga, derrubando-o.

Contam outras testemunhas que o monstro «tornou a se levantar com a boca aberta para tragar Baltazar, mas êste, muito ligeiro e bravo, lhe deu uma estocada na cabeça, atordando-o.»

HIPUPIARA

Foi então que, sob a claridade da lua, alguns escravos se animaram a auxiliar o filho do capitão, correndo para a praia e desferindo seguidas pancadas de lanças e espadas sobre o monstruoso ser, que, jogado na areia, grunhia lançando sangue pelos dois grandes ferimentos recebidos.



Morreu um homem chamado Miguel Ângelo Buonarroti. Êle próprio se esculpiu como vemos na gravura. Ia completar os 90 anos. Seu corpo foi raptado do Vaticano em espetacular incursão de um sobrinho seu de Florença.

Um homem? Apenas um homem? Não. A humanidade perdeu um gênio. Um gênio tão grande ou maior que Leonardo da Vinci. Por isso, é merecido o destaque que O BRASIL EM JORNAL empresta a Miguel Ângelo, dedicando à sua vida e à sua obra toda a 7ª página desta edição.

Epidemia de varíola (30 mil mortos) está grassando no litoral do Brasil

Salvador, janeiro, 1564 (Especial para O BRASIL EM JORNAL)

Cerca de 30 mil índios brasileiros morreram em consequência de uma epidemia de varíola que começou a lavar no interior da Bahia em novembro do ano passado.

A situação é considerada gravíssima, já que não há medicamentos e os indígenas oferecem pouca resistência às enfermidades.

O governador Men de Sá determinou que os índios

sãos fossem isolados e que cessassem tôdas as comunicações entre as aldeias vizinhas a esta capital.

Na aldeia de Santa Cruz, a pouco mais de 30 quilômetros daqui, o número de vítimas sobe a 5 mil. Os índios ainda não contaminados abandonaram-na e as casas estão desertas. A capela da aldeia da Conceição foi fechada em virtude da epidemia.

Também, em Vitória, no Espírito Santo, a varíola começa a grassar com violência. Morreram centenas de indígenas, por falta de medicamentos.

NÓBREGA EXIGE GUERRA:

"A Deus eu respondo Ao Rei irei, se preciso"

São Vicente, 30, dezembro, 1564 (Da sucursal)

Nóbrega avistou-se com chefes de tribos amigas, percorreu lugarejos perdidos e levantou importantes adesões para a campanha. O estado-maior de Estácio marcou o início das operações para janeiro próximo.

Brás Fragoso, ouvidor-geral, veio da Bahia em fevereiro, com as tropas de Estácio de Sá. A nosso pedido, fez-nos um relato dos principais acontecimentos e revelou os planos do estado-maior português.

"O povo", começou, "não permitiu que o governador Men de Sá saísse da Bahia, de modo que Estácio de Sá foi nomeado comandante-chefe das tropas. Em princípios do ano, partimos para o Rio, com instruções de observar o inimigo e, se tivéssemos oportunidade, atraí-lo para o alto-mar.

Entre outras ordens de Men de Sá, figurava, também, a de respeitar o tratado de paz (Iperoig) com os tamoios e acatar os conselhos de padre Nóbrega.

Na passagem pelo Espírito Santo, o capitão Belchior de Azeredo e o chefe temiminó Araribóia juntaram-se a nossas forças.

Em fevereiro, estávamos já na região das operações. O capitão mandou um emissário a São Vicente, a fim de entender-se com Nóbrega".

NAVIO APRISIONADO

Fragoso prossegue em seu retrospecto:

"Logo à nossa chegada ao Rio, aprisionamos um navio francês, pondo em fuga seus tripulantes. Na antiga fortaleza de Villegagnon estabelecemos nossa base de operações. A ilha (ex-Coligny) estava abandonada e tínhamos de mandar buscar água no continente. Numa madrugada, quando nos abastecíamos, fomos atacados pelos indígenas que, assim, romperam o tratado de paz. De onde estávamos, ouvíamos os seus gritos de guerra. A situa-

ção era crítica e o capitão Estácio resolveu aguardar a chegada dos reforços paulistas de Nóbrega para desfechar o contra-ataque em massa."

Para Fragoso, a decisão do capitão Estácio, de retirar-se do Rio para recolher-se a São Vicente, foi acertada, apesar do desastre que "já causando"

"Na madrugada do dia 30 de março último", continua, "resolvemos abandonar o Rio, já que o reforço pedido a Nóbrega em fevereiro não nos tinha sido enviado".

Fragoso faz questão de dizer que foram horas dramáticas as que viveu durante a retirada.

"Mais de cem canoas, com índios e franceses disfarçados de índios, atacaram um de nossos navios. Quando o abordaram, o barco virou ao péso dos atacantes e seu comandante, Domingos Fernandes, teve de nadar até a nau capitânia, o "Santa Maria". Em seguida, tamoios e franceses atacaram o navio de Estácio, onde me encontrava. O que nos salvou foi o sangue-frio de um escravo meu, que atirou à queima-roupa sobre o chefe dos atacantes. Os tamoios se assustaram e nos deixaram sair da baía. Eram mais de 5 mil."

O ouvidor, neste ponto, procura as palavras exatas para contar o que considera verdadeiro milagre:

"Deus", diz êle, "deve ter armado a tempestade que encontramos à saída do Rio. Naquele exato ins-

tante, o padre Nóbrega e os voluntários de São Vicente cruzaram por nós sem que os vissemos e foram desembarcar na ilha de Coligny. A morte de todos seria certa se o mau tempo não nos obrigasse a voltar ao Rio. Encontramo-los cercados e à nossa vista, índios e franceses puseram-se em fuga apresada. No dia 2 de abril, após missa que Nóbrega rezou na ilha, decidimos o abandono da Guanabara, até conseguirmos mais recursos em São Vicente."

EMBAIXADA

O padre Manuel da Nóbrega foi o artífice do tratado de paz de Iperoig. A reação dos índios do Rio de Janeiro aos portugueses causou-lhe amarga decepção. Falando sobre o assunto, o sacerdote destacou as observações de Anchieta quanto aos tamoios cariocas. "Havia mesmo poucas possibilidades de respeitarem a paz", disse-nos.

Mas o que passou, passou, e Nóbrega, agora, só tem uma preocupação: expulsar os franceses, a quem responsabiliza pela guerra que acredita inevitável. Neste sentido, já enviou, por sua livre iniciativa, embaixada à Bahia e Espírito Santo, pedindo reforços. A todos tenta convencer da necessidade de guerrear pela justiça e, por isso, os colonos o chamam, agora, "Faraó". Fez que se construíssem navios para os expedicionários e conseguiu mesmo que os que tinham de responder a processos fossem liberados para a guerra.

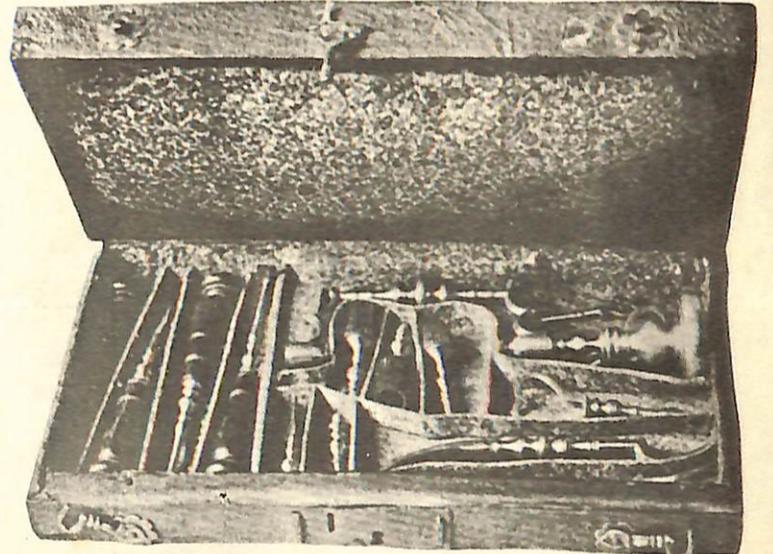
Estácio de Sá mantém sigilo sobre a data da partida dos expedicionários, mas podemos informar que, em menos de um mês, a Guanabara será teatro de nova guerra.

MEDICINA

PROGRIDE

A TÉCNICA

OPERATÓRIA



Ambroise Paré, médico que assistiu os últimos momentos de Henrique II, acaba de lançar importante livro sobre cirurgia e seus instrumentos: «Dez livros de cirurgia e seus instrumentos». Seu outro livro («Técnica de trepanação»), lançado há dois anos, ainda faz sucesso nos grandes centros médicos da Europa. O BRASIL EM JORNAL, com exclusividade, apresenta (gravura) o que o próprio Paré usa em cirurgia. Trata-se da maleta do grande cirurgião particular do rei Carlos IX, da França.

Morre (afogado) descobridor do corpo humano

Ilha de Zante (Grécia), 1564

Um cadáver dado à praia desta ilha foi identificado como sendo do anatomista André Vesálio, que pereceu num naufrágio, quando de volta de uma viagem de peregrinação à Palestina. O corpo estava em adiantado estado de putrefação.

Vesálio fez-se universalmente conhecido pelo seus estudos de anatomia, de que era a maior autoridade em nossos dias. «De humana corporis fabrica» (1543) é o nome de seu livro que revolucionou a ciência no campo de sua especialidade. Alcançou, pelo seu mérito, os mais altos postos uni-

versitários e muitos governantes chamaram-no às suas côrtes.

O BRASIL EM JORNAL noticiou todos os acontecimentos ligados à vida do grande cientista.

Pelo seu valor e pelas suas repetidas e brilhantes conquistas científicas, Vesálio adquiriu vasto número de inimizades, que culminaram com sua condenação à morte por heresia, sob a acusação de haver dissecado um corpo cujo coração ainda batia. Sua pena foi comutada em viagem (obrigatória) de peregrinação à Palestina, o que, afinal, também lhe causou a morte.

Cientista assassinado no "Bois de Bologne"

Paris, 1564 (Do correspondente)

O zoólogo Pedro Belon, conhecido autor de importantes obras científicas, foi assassinado no Bois de Boulogne, em circunstâncias misteriosas. Não se conseguiu descobrir nem a identidade do criminoso, nem os motivos que teriam provocado o assassinato.

Môço ainda (tinha 47 anos), Belon deixa uma obra de alto valor científico, baseada principalmente em várias observações de viagens que o autor fez à Grécia, ilhas do Mediterrâneo, Turquia, Ásia Menor, Egito, Palestina e Roma, de 1546 a 1549. São conhecidos seus livros sobre anatomia comparada dos homens e das aves, sobre peixes, animais marinhos e árvores coníferas. O BRASIL EM JORNAL noticiou o aparecimento de suas principais obras.

Religião livre na Índia

Índia, 1564 (Do correspondente)

Todos os indianos poderão professar a religião que desejarem, segundo decisão do rei mongol Acbar, que acaba de abolir a jizia, marca infamante de inferioridade religiosa dos não muçulmanos.

SAÚDE PÚBLICA

CONTADORES

Santarém, 24, novembro, 1564 (Correspondente)

Além das visitas obrigatórias por prelados e vigários, todos os hospitais de Portugal serão providos de suas necessidades por contadores especializados. A nova instrução, todavia, só vigorará a partir de janeiro próximo. A portaria hoje baixada é da própria chancelaria desta cidade.

HOSPITAL

O grande hospital de Todos os Santos, em Portugal, passou, agora, a ser administrado pela Misericórdia de Lisboa. O jovem rei D. Sebastião acaba de assinar dois decretos em que transfere a direção de tal hospital.

Até então, sua administração cabia aos padres seculares de São João Evangelista, que gozaram de grande prestígio, mas ao tempo de D. João III.

A nova lei foi acolhida com geral agrado pela população mais modesta do país, quase toda não muçulmana, e significa continuação de sua linha política. No ano passado, o rei aboliu as taxas de peregrinações religiosas.

Por outro lado, Acbar resolveu, também, traduzir para o persa a velha literatura em sânscrito. Um porta-voz do governo informou-nos que o jovem monarca (22 anos) pretende aproximar-se dos hindus, nacionalizando de alguma forma seu Estado.

MATOU MINISTRO

Com reservas, transmitimos a informação que nos prestou um muçulmano: Acbar teria morto, ha dois anos, seu primeiro ministro a sócos, a fim de se livrar de sua influência, que considerava perniciosa. Nesse mesmo ano, Acbar casou-se com a filha do rajá de Amber, o que para muitos traduzia, já, desejo de governar sobre hindus e muçulmanos.

INQUISIÇÃO GARANTE DELATORES

Lisboa, 1564

Mantendo o segredo da denúncia, a tortura e a equiparação dos acusados a réus sem prerrogativas, o cardeal regente, D. Henrique, acaba de assinar decreto introduzindo 23 artigos no regimento sobre inquisição, que ele mesmo promulgou há 12 anos.

Ao que se informa, o novo decreto se destina a salvaguardar os denunciadores, dando-lhes maiores prerrogativas, e os próprios inquisidores, constantemente expostos à vindita popular.

EM SOCIEDADE

Granvella, cardeal e ex-auxiliar de Margarida d'Áustria, no governo dos Países Baixos, teve de deixar a Espanha apressadamente. Motivo: discordou da política de Filipe II. Granvella era grande amigo de Filipe, noutros tempos. Foi ele, inclusive, que tratou do casamento do soberano com a rainha Maria, da Inglaterra.

Da Bahia manda-nos dizer nosso correspondente que o padre Antônio Pires, no momento mestre dos noviços em Salvador, é o vice-provincial da Companhia de Jesus. Sempre que o padre Luis da Grã se ausentar de Salvador, seu substituto será padre Pires, que também é carpinteiro.

O conhecido musicista Vincenzo Galilei, de Pisa, comunicou aos amigos, que nos transmitiram a notícia, o nascimento de seu filho Galileu, em 15 de fevereiro último. Vai daí, talvez surjam madrigais, inspirados no choro do menino.

O embaixador espanhol em Portugal, sr. Alonso de Tovar, revelou-nos que não se habituou, ainda, às constantes movimentações da corte portuguesa. No momento, S. Sa. sente os achaques causados pelo rigoroso inverno de Almeirim.



Um nosso informante na corte inglesa manda dizer-nos que, se a rainha Elizabeth está alheia à luta entre Knox e Maria Stuart, na Escócia, não é por falta de vontade, mas por falta de dinheiro... Na gravura, uma das mais recentes poses da rainha inglesa.

A rainha Maria Stuart da Escócia, admitiu como secretário particular o cantor e músico, David Rizzio, trazido em 1561 pelo conde de Moret, embaixador da Savóia. Apesar de feio e corcunda, Rizzio ganhou a simpatia da rainha pelos seus dotes artísticos.

Filipe II, o rei católico, parece estar profundamente impressionado com o desastre naval de Djerba e procurando tirar dele uma lição: já há algum tempo dá o máximo de esforços em prol da construção naval. Seu sucesso, agora, na tomada de Peñon de Velez, ninho de piratas marroquinos, abre-lhe novas perspectivas.

Garcilaso de la Vega, «o Inca», como vem sendo chamado na Espanha, ganhou o título de capitão do exército, pelos méritos que demonstrou como combatente, sob as ordens de D. João d'Áustria. Filho do poeta espanhol do mesmo nome e da princesa inca Chimpu Collo (de sangue imperial e prima do grande «Inca» Atahualpa), transferiu-se para Sevilha em 1561, depois de ter participado de várias batalhas na América, principalmente no Peru, onde nasceu.

Almeirim, onde no momento se encontra a corte portuguesa, vive momentos de grandes preocupações. O frio na cidade é intenso e o jovem rei D. Sebastião tem passado muito mal.

Hubert Languet, protestante convicto e uma espécie de agente secreto do duque de Saxe, está em França não se sabe ao certo porque motivo. Diariamente, quase, Hubert escreve cartas ao eleitor do Saxe.

Outro dia conversamos com o sr. François de la Noue, conhecido em certas rodas como «Braço de Ferro». La Noue é pessoa geralmente bem informada, já que é secretário do almirante Gaspar de Coligny. Particularmente, disse-nos que o que todas as religiões deviam fazer era unir-se para nova cruzada contra os turcos, que ele considera o único grande perigo para a Europa.

Comenta-se muito nas rodas de sociedade que o rei Filipe II, já chamado de Prudente por suas atitudes sempre cautelosas, está em choque com os interesses particularistas dos príncipes e povo dos Países Baixos. Por isso, teve de transigir e tirar do poder o cardeal Granvella. Mas o rei não vê com bons olhos a infiltração calvinista ali.

Um amigo nosso de Lyon manda dizer-nos que a entrada de Carlos IX naquela cidade foi um belo espetáculo: bailarinas e cantoras em cortejo alegórico proporcionaram ao príncipe bons momentos de música e ballet. Um acompanhante do príncipe assegurou, todavia, que tal espetáculo para ele já não era inédito: há tempos, quando de uma chegada de Catarina de Médicis e Henrique II a Paris, um grupo de bailarinas e cantoras parisienses desenvolveu diante dos reis um tema mitológico. Embora os reis aplaudissem música e fantasias então exibidas, o público não manifestou grande contentamento. Poucos entenderam o que viram.

ONDE FAZER SUAS LUVAS

Stratford-on-Avon, 26, abril 1564 (Do correspondente)

«O patrão está na Igreja». Essa informação foi dada ao repórter quando um rapazinho atendeu-o na mais conceituada luvaria de toda a Inglaterra. De partida para Londres tínhamos urgência em encontrar o luveiro e atrás dele corremos à Igreja da Santíssima Trindade.

Lá o encontramos, eufórico e em traje de gala batizando seu terceiro filho, nascido há pouco. Depois das palavras sacramentais do sacerdote, que procuravam encobrir o choro da criança que ressoava por toda a nave da Igreja, papai luveiro concordou em atender este apressado repórter.

Desejávamos um par de luvas cujas medidas foram tomadas por ele logo após o encerramento da solenidade do batismo, quando o padre consignou no livro de registro: «Foi batizado nesta Igreja o menino William, filho de John Shakespeare.»

A publicidade é gratuita: indo à Inglaterra não deixem de encomendar um par de luvas sob medida a John Shakespeare. Ele as sabe fazer como ninguém.

O preço do abandono da Guanabara

Notícias do Reino comunicam o falecimento, em Lisboa, do ilustre Capitão-mor Martim Afonso de Sousa, que se finou em morte natural e na fé cristã, sendo sepultado no convento de S. Francisco. Não poderíamos deixar passar sem um comentário adequado o desaparecimento dentre os vivos de tão grande figura da incipiente história da terra de Santa Cruz.

General da Armada que veio para este lado do Atlântico em 1531 e daqui regressou em 1533, ajudado de seu denodado irmão Pero Lopes de Sousa, foi, na verdade, o primeiro governador e o primeiro estadista da colônia nascente. Limpou os litorais de piratas franceses, explorou a costa até o Rio da Prata, enviou expedições ao interior, traçou de certo modo a configuração política da nova terra e nela fundou a primeira vila: S. Vicente. Ao retirar-se daqui, apesar dos grandes interesses que deixava sem timoneiro seguro, nunca mais pôde voltar. A coroa aproveitou-lhe a experiência no Oriente, mandando-o em 1534 para a Índia, onde foi, até 1546, Capitão-mor do Mar e Governador das Possessões Portuguesas. Havia, pois, 18 anos que vivia no Reino, quando a idade e os gastos da saúde o levaram ao túmulo.

Lamentando o fim de tão prestante homem de guerra e de Estado, que teve papel primordial no início da colonização do Brasil, também lamentamos que, tendo estado na baía do Rio de Janeiro bastante tempo, com suas nave ancoradas no pôrto que tomou até o seu nome, não tivesse sentido a importância estratégica e econômica do local para o desenvolvimento futuro do país. Não procurando guarnece-lo ou povoá-lo, parece que lhe não deu a atenção merecida. É possível que seu exemplo tenha tido alguma influência nos anos que se seguiram, de modo que se não apressaram os colonizadores a tomar conta das regiões da Guanabara, de inconfundíveis belezas naturais e de magno valor para manutenção da unidade territorial brasileira.

O resultado de tal descaso foi que esses mesmos franceses que o Capitão-mor de 1532 andou perseguindo, que seu irmão enforcava nas vergas da capitania, lançaram para ali os olhos cobiçosos, tomaram pé nas suas ilhas e, aliados ao gentio tamoio, estão resistindo até hoje às nossas investidas. Desde fevereiro do corrente ano que o intemerato sobrinho do Governador Geral, Estácio de Sá, comandando forças da Bahia e do Espírito Santo, ajudado dos índios fiéis do grande chefe Araribóia, que conserva nos nomes com que foi batizado, a memória sem par de Martim Afonso anda pelas paragens guanabarinhas em som de guerra, a fim de expulsar os intrusos.

Desde 1560, quando Men de Sá obteve imorredoura vitória contra estes, que os seus remanescentes, refugiados no seio da indiada, estiveram refazendo estabelecimentos e fortificações nos mesmos locais do passado, sediados numa ilha, cobertos por paliçadas na aguada e litorais próximos, defendidos à retaguarda por outras cercas em outras ilhas. Não será muito fácil aos expedicionários de Estácio de Sá a destruição desse conjunto de obras militares, embora sejam de emergência, sem a qual não será completa e definitiva a expulsão dos franceses do Rio de Janeiro.

Fazemos votos para que a obtenção desse resultado não custe às nossas hostes grandes sacrifícios. Sobre tudo que não tombe nenhuma vítima ilustre em holocausto à decisão do pleito. Os triunfos custam muitas vezes os olhos da cara. As vitórias de Pirro são menos raras do que geralmente se pensa. Não estaríamos nessa situação se, há mais de 30 anos, o Capitão-mor Martim Afonso de Sousa tivesse fundado um estabelecimento qualquer na Guanabara.

Nem sempre os capitães podem cuidar de tudo. Só os estadistas verdadeiramente grandes têm uma certa visão do futuro. Essa mesma, limitada. Nada mais raro e difícil do que prever. Não se pode, por conseguinte, lançar este erro à conta do general do mar e governador da terra, que acaba de partir para a viagem do eterno silêncio. Lastimamos somente que não tivesse se entusiasmado, como os franceses de Villegagnon, pelos esplendores da Guanabara. Pagaremos caro esse pouco caso.

A MODA COMO ELA É



Há poucos números atrás, nossa seção de modas deu nota sobre a pompa e a ornamentação que acompanham o arreamento de um cavalo. Sobre a importância desse animal, que ressaltamos na ocasião, eis mais uma prova: até pelos conselheiros do parlamento de França ele é utilizado. A gravura apresenta um conselheiro, quando transitava pelas ruas de Paris. É um dos que acompanham mais estritamente a moda atual. Vejam sua imponência e altivez, sob o grande manto, que o cobre até os pés. O original gorro que leva, também é característica do traje de conselheiro. Segue vagarosamente, tal como lhe impõe a dignidade do cargo.

MÚSICA

O músico protestante francês Guillaume Franc prometeu-nos entregar ao público no próximo ano a música de igreja de Lausane, para ser cantada na cidade de sua origem.

Franc há muito tempo está em Genebra, ensinando o canto dos salmos. Em 1541 abriu uma escola de música.

Músicas de mais sucesso, no momento, em Estrasburgo: «lieder», canções e músicas para danças e fantasias de Wolfgang Heckel. Algumas das canções de Heckel estão alcançando tal êxito que já as estão executando em Hamburgo, Viena e Breslau.

O músico italiano Giovanni Animuccia, amigo de Filipe Néri, além do grande sucesso que obteve no ano passado com seu livro de «Espirituais» (composições para a congregação da capela Júlia) pretende lançar, breve, uma coletânea de motetos e madrigais que todo o povo está cantando no momento.

Lion repetiu este ano o que fez quando Henrique II aí esteve. Um espetáculo musical, com câro a quatro vozes e cortejo alegórico, foi oferecido ao rei Carlos IX, por ocasião de sua passagem pela cidade.

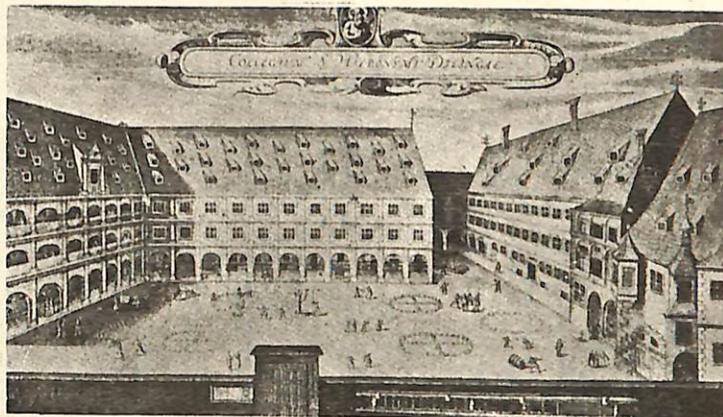
PENTECOSTES LEVOU ÍNDIOS EM PROCISSÃO

Aldeia do Espírito Santo (Bahia), 22, maio, 1564

Milhares de devotos, vindos de várias localidades, festejaram, ontem, nesta cidadezinha, o Pentecostes ao som de órgãos e Salve Rainha cantado pelo câro de menininhos índios.

Entre Salvador e esta cidade, os caminhos, desde antontem, estavam praticamente intransitáveis e havia de todos os veículos, do cavalo à rêde carregada por escravos. A igreja dos jesuítas, tôda engalanada, não chegou para o número de fiéis que a procuraram. À noite, o padre Baltazar Álvares chegou da aldeia São João, acompanhando dezenas de meninos em procissão. A festa durou até alta madrugada.

ENSINO



Esta é a famosa Universidade de Dillingen, que está agora sob a direção dos jesuítas. Pelo que já foi feito em outros lugares, espera-se que a Companhia de Jesus dê novo impulso à Universidade, que, por sinal, possui ótimas instalações, como se vê na gravura.

Por trás dos altos muros e no centro dos edificios que compõem o imponente conjunto, vê-se o largo pátio de recreio para os alunos.

EDUCAÇÃO

A Companhia de Jesus continua crescendo e no próximo ano deverá ter cerca de dois mil membros e dezenas de Províncias. Estes cálculos foram feitos pelos próprios Jesuítas e não são muito otimistas.

O colégio dos jesuítas na Bahia tem, este ano, novo reitor. Em virtude da designação de João Melo para Superior de Pernambuco, a reitoria de Salvador passou ao padre Gregório Serrão, que vem imprimindo um ritmo de grande animação ao estudo dos indiozinhos, para alegria de tôda a capitania.

Para que as crianças índias do Brasil aprendam doutrina católica com mais facilidade, o provincial Luís da Grã acaba de solicitar a Portugal que lhe enviem uma cartilha cristã, escrita em diálogos.

Aos sábados, o exercício escolar no colégio dos jesuítas na Bahia visa a selecionar os alunos mais aptos em cada matéria. Assim, cada sabatina é um concurso. O bispo Pedro Leitão, que há pouco assistiu a um destes concursos, louvou o modo como os alunos se portam.

Ainda na Bahia, informa-se que o sacerdote Luís de Carvalho, ali chegado no ano passado, criou a «hora da poesia». Padre Luís lê para os alunos trechos escolhidos da «Eneida», fazendo comentários.

O BRASIL EM JORNAL
R. México, 119, 12º and.
grupos 1.202/8 — Tel.: 22-6807
SEDE PRÓPRIA
End. Teleg. REFORMA - Rio

Direção
AMARAL NETTO
Assessor da Diretoria
LUIZ PIETSCH JUNIOR
Assessoria
GUSTAVO BARROSO
JAYME COELHO
Redação
CLAUDIO SOARES
RUBEM DE AZEVEDO LIMA
ZUENIR CARLOS VENTURA
MARCOS DE CASTRO
Paginação
WALDYR FIGUEIREDO
Ilustração
ADAIL
Revisão
GABRIEL CHAVES DE MELO

São Paulo
AGENCIA POLANO
Rua João Bricola, 32

ASSINATURAS (ANUAIS)
24 Nos. SIMPLAS... Cr\$ 240,00
24 Nos. AÉREA... Cr\$ 300,00
Nº ATRASADO... Cr\$ 15,00

É ÊLE, AGORA, QUE PRESTA CONTAS...

Genebra, 27, maio, 1564
(Urgente)

Dois meses antes de completar 55 anos, acaba de morrer nesta cidade o segundo grande líder reformista deste século: João Calvino.

Revolucionário acima de tudo — eis a marca distintiva de Calvino, que

guiou as massas burguesas norte-alfinas até a consecução de um ideal de vida não simplesmente religioso — como o de Lutero — mas também social, político e cultural.

Educado na crítica racionalista do humanismo, Calvino era absolutamente infenso à nota emocional que palpita na obra de

Lutero, orientando-se apenas pela frieza de sua lógica; quis refazer a crítica religiosa desprezando por completo quinze séculos de tradição histórica.

Sua doutrina foi arrancada diretamente da cristandade primitiva e da comunidade bíblica anterior, ao contrário da doutrina de Lutero, que se inspirou sobretudo no cristianismo medieval.

O "calvinismo" tem sido motivo de escândalo e temor para católicos e luteranos, reis e príncipes de qualquer credo.

A maior parte de sua vida ele a viveu em Basileia (Suíça), onde publicou sua grande obra — "Christianae Religionis Instituto" — e mais tarde em Genebra (1536), de onde foi expulso (1538), para voltar três anos depois, com o fracasso do partido burguês. Nunca mais deixou esta cidade, que converteu em sede da religião reformada e em centro da conversão espiritual da Europa. Aqui Calvino aplicou sua idéia de organização teocrática do Estado e submissão da vida e dos costumes sociais a uma rigidez bíblica. No momento de sua morte, as células de sua doutrina, espalhadas por toda a Europa (França, Países Baixos, Alemanha, Inglaterra, Escócia, Polônia, Hungria e Transilvânia), são centros fervilhantes, onde se agravam os conflitos políticos e religiosos.

O homem que, em vida, tantas contas tomou dos outros é agora quem presta as suas ao Poder Supremo.

MENINOS MÚSICOS VÃO DAR RETRETA

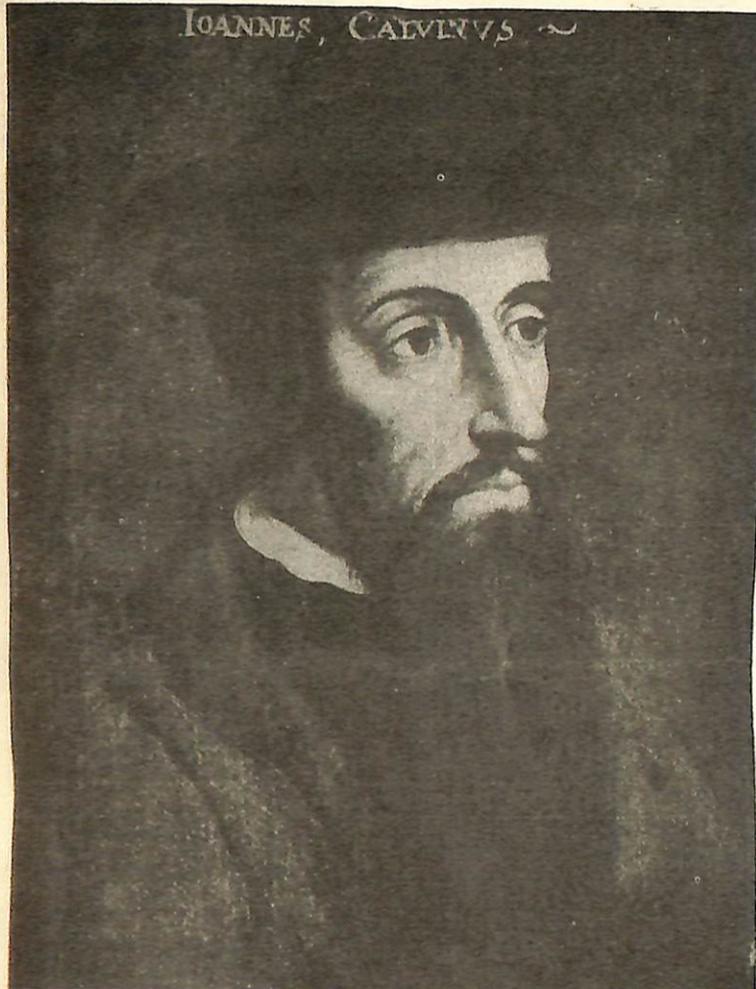
Salvador, 31, dezembro, 1564

Meninos músicos, alunos do padre Antônio Rodrigues, darão, amanhã, nesta cidade, concerto público, com canto de órgão, cravo e flautas.

O espetáculo, segundo seu organizador, está programado de modo que, ao término do recital de cada instrumentista, não haja grandes intervalos.

Padre Antônio, que em 25 de julho último celebrou a festa do padroeiro da aldeia de Santiago, com o mesmo côro de indiozinhos, espera que o povo aprecie o espetáculo.

«Os meninos estão muito bem adestrados e o próprio governador Men de Sá, admirador do grupo musical, há de ouvi-los, amanhã», disse-nos.



CALVINO
Sua doutrina sobreviverá?

Chacina de mil mouros matou conde de desgosto

Goa, abril, 1564

A chacina desnecessária de mais de mil mouros, que viajavam sob a proteção da coroa portuguesa, causou a morte, por desgosto, do governador da Índia, Francisco Coutinho, conde de Redondo.

Coutinho, que sucedera ao duque de Bragança no governo, ordenara a Domingos Mesquita, capitão de marinha, que desse caça aos piratas malabares. Mesquita postou-se com sua esquadra defronte ao rio Carapatão, à espera dos navios vindos da Cambaia. Cada embarcação mouira que aparecia, era detida e seus tripulantes e passageiros, mesmo viajando com o visto das autoridades portuguesas, eram mortos ime-

diatamente. O próprio Mesquita atirou a cabeça de muitos deles ao mar.

Ao saber de tais ocorrências, o conde de Redondo adoeceu, não deixando mais o leito.

Seu substituto legal será João de Mendonça.

Um soldado de sua escolta contou-nos a seguinte passagem, para ilustrar a rigidez de costumes do morto:

«O conde veio para a Índia com ordens expressas da rainha D. Catarina para pagar aos soldados só após 6 meses de permanência no país. O conde, para mostrar à rainha o exagêro da ordem, fêz-lhe a seguinte pergunta: «a senhora esqueceu-se, contudo, de me dizer o que fazer no caso de os encontrar roubando.»

AÇÚCAR

Um grande importador português do açúcar do Brasil e da Madeira esclareceu que, neste ano, os 30 engenhos do Brasil já exportaram para Portugal, 20 mil arrôbas do produto.

Segundo esta fonte, o valor da importação sobe a 1\$400 a arrôba, ou, aproximadamente, 11 gramas-ouro.

ALFANDEGA

Por ordem do rei Carlos IX, tôdas as mercadorias procedentes da Itália e com destino à França ficarão, agora, sob a jurisdição da Alfândega de Lion.

SUPERINTENDENCIA

Com o objetivo de melhorar o panorama financeiro do país, foi criada este ano na França, em caráter permanente, a Superintendência de Finanças. Ao novo órgão estarão subordinados os intendentés das Finanças.

A medida foi recebida com muito otimismo em todo o país.

IMPOSTOS

Foram solicitados às Côrtes espanholas novos impostos, principalmente para os gêneros de primeira necessidade, como a carne, o vinho, o vinagre, o óleo e o sal.

Vago o trono austro-germânico

Vienna, 25, julho, 1564

Político hábil, consciente de sua responsabilidade, prudente e moderado em suas resoluções e muito trabalhador — seu avô, o rei católico Fernando I, rei da Áustria e imperador da Alemanha, que acaba de morrer com 63 anos.

Fernando foi uma das principais figuras da política alemã da primeira metade deste século, tanto no conflito religioso provocado pelo luteranismo, como pela centralização do poder dos domínios dos Habsburgos, na Áustria, e pela constante luta contra os turcos.

Educado em Castela, pois seu avô o rei católico, Fernando V, que o tinha como seu preferido, pretendia dar-lhe a

coroa desse reino, acabou sendo o regente da Áustria, em 1521, apesar de não falar alemão. Com isso criou uma situação paradoxal, já que seu irmão Carlos, de formação flamenga, governava, desde 1517, Castela e Aragão. Em 1526, tornou-se rei da Boêmia e da Hungria (reconhecido apenas por uma minoria). Cada vez mais tolerante, negociou a paz religiosa de Augsburg, em 1555. Em 1556, com a abdicação de seu irmão Carlos, governou a Alemanha como rei dos romanos, tendo sido eleito imperador em 14 de março de 1558. Nestes últimos anos de sua vida, tentou intervir frequentemente na política do Concílio de Trento.

Com a morte de Fernando, o sucessor deverá ser seu primogênito Maximiliano.



FERNANDO II
Quando mais moço

Os índios da Flórida



1 — O feiticeiro da tribo, em transe, faz profecias para os franceses



2 — Cobertos com as peles de veados, caçadores índios matam esses animais à beira de um riacho



3 — Toda mãe "timucua" é obrigada a sacrificar seu primeiro filho ao cacique da tribo. Em meio a um círculo de virgens, uma criança é conduzida pela mãe ao sacrifício. Ao lado do cacique um comandante francês assiste à cena



4 — Sentinela índia acusada de negligência é executada a golpes de tacape

O BRASIL EM JORNAL apresenta, com exclusividade absoluta, o extraordinário trabalho de um soldado da segunda expedição colonizadora dos franceses à Flórida, na América do Norte.

Esse soldado — Jacques Le Moyne de Morgues — é, sem dúvida, um grande artista. Ele reconstituiu para a posteridade uma série de momentos da vida e dos hábitos da tribo de índios Timucua, da Flórida.

Com seu traço particularíssimo, Jacques reproduz, em quase todas as suas gravuras, os companheiros de viagem. Entre estes, alguns já estiveram no Brasil, há tempos.

E são alguns dos flagrantes desse magnífico trabalho que apresentamos nesta reportagem.



5 — Eis um hospital de guerra dos timucuas. Eles aplicam o fumo (estranho vício também encontrado no Brasil) como elemento de cura



6 — No curso de água dos Apalaches, os índios timucuas garimpam ouro com bastões ocos

Três vezes morto, enterrado e ressuscitado

Rouen, dezembro, 1564 (Exclusivo)

A inacreditável história do capitão François de Civile chegou ao conhecimento do repórter quando este leu numa ata do Parlamento duas estranhas linhas: «ass. François de Civile, três vezes morto, três vezes enterrado e três vezes, pela graça de Deus, ressuscitado.»

Tudo começou numa ensolarada tarde de outubro de 1562. Uma detonação de arcabuz quebrou o silêncio, enquanto o capitão, em serviço de patrulha tombava com o maxilar partido, um rombo na nuca e o pescoço dilacerado.

Os soldados examinaram o corpo e diagnosticaram: morto. E de uma amurada de 20 metros Civile foi jogado numa fossa infecta, onde ficou até a noite.

Quando os coveiros chegaram já os saqueadores haviam despojado o cadáver. Cavaram uma grande sepultura e junto com o capitão enterraram democraticamente um soldado.

A operação chegava ao fim quando apareceu um homem a correr. Era Nicole Delabarre, criado do falecido capitão: «Desenterrem-no. Quero dar-lhe uma sepultura decente.»

Impossível. Exumados os corpos, a escuridão da noite, a lama, a terra e o sangue não permitiram uma identificação.

E os enterraram novamente... Quando já se retiravam, o fiel Nicole verificou que o trabalho fora mal feito: um braço estava descoberto. Ia enterrá-lo quando, num dos dedos da mão sangrenta, o brilho de um anel esquecido pelos saqueadores fez com que ele reconhecesse o patrão.

E a macabra exumação se repetiu. Desenterrado o capitão pela segunda vez Nicole levou-o nos ombros. Mas alguma coisa, uma secreta intuição, talvez, segredava-lhe que o patrão ainda poderia estar vivo. Chegou às ruas tortuosas de Rouen. Um hospital. Entrou.

O enfermeiro examinou o corpo: — «Não adianta. Está bem morto.» Nicole era teimoso. O fardo sangrento e enlameado voltou-lhe às costas e ele foi bater à porta de um experimentado cirurgião, Claude Faubuisson.

— «É uma forma atípica de morte violenta. Será um grande material para uma brilhante comunicação aos meus colegas e...» Enquanto o médico falava, Nicole recolocou a fúnebre carga nos ombros e saiu.

Na rua encontrou um grande amigo do morto: o sr. de Coquereumont. Ele concordou com Nicole e juntos levaram o corpo para sua casa.

Lavado, com os ferimentos tratados, o «cadáver» permanecia estático sobre a cama alva. Durante cinco dias, nada. Nem um tremer de pálpebras. No sexto dia uma das mechas colocadas na nuca começou a purgar: havia vida, então!

E enquanto nas ruas a luta religiosa atingia as raias da violência, sucederam-se operações e curativos feitos pelo médico Richard le Gras. No dia seguinte François saiu do estado de coma.

De repente, soldados invadiram o quarto. Era o saque e a pilhagem. Junto com camas, armários e cofres, o pobre Civile foi lançado pela janela e voltou a ser sepultado na lama de uma fossa de estérco.

O fiel Nicole não podia mais socorrê-lo: fora massacrado.

Três dias e três noites o «morto» permaneceu semi-enterrado na fossa. Na ante-véspera de Todos-os-Santos, encontraram-no. Começava a cheirar mal. Feliz, o dr. le Gras retomou o seu «cadáver».

Durante semanas dedicou-se a curá-lo. As feridas cicatrizaram. O capitão François Civile ficou vivo novamente.

O que foi «morto» e enterrado três vezes, «ressuscitou» também pela terceira vez. E espera, segundo nos disse, que só voltará a ser sepultado quando estiver morto mesmo...

A humanidade perdeu um gênio: MIGUEL ÂNGELO

Roma, 18, fevereiro, 1564 (Urgente)

Entregando a alma a Deus, o corpo à terra e sua fortuna à família, como afirmou em testamento, morreu hoje nesta cidade, às 5 horas da tarde, Miguel Angelo Buonarroti, o que conheceu em vida aquilo que talvez nenhum outro homem haja conseguido: a consagração como um dos maiores gênios da humanidade.

Miguel Angelo desaparece às vésperas de completar 90 anos, uma vez que nasceu em Florença em 6 de março de 1475, sob o que se considera a feliz conjunção de Marte e Vênus.

Seu último desejo, morrer em Florença, sua pátria querida, foi frustrado pela morte. O homem que conseguiu a extraordinária façanha de ser amigo de cinco Papas e de se fazer respeitar pelos mais poderosos monarcas da terra, deixou 8 mil escudos conseguidos com seus maravilhosos trabalhos de escultura e pintura.

RAPTADO!

Florença, 11, março, 1564 (Urgente)

Os restos mortais de Miguel Angelo acabam de chegar a esta cidade, depois de sensacional rapto praticado por um grupo de florentinos chefiados por um sobrinho do artista. Eles penetraram na basílica romana e de lá retiraram o cadáver, saindo com ele por uma das portas de Roma num caixão que declararam conter mercadorias.

O corpo foi levado imediatamente para a igreja de São Pedro Maior para onde, numa demonstração de interesse nunca visto aqui em Florença, o povo acorre em massa, desejando ver ainda uma vez o extraordinário gênio florentino.

ENTERRADO

Florença, 12, março, 1564

Jovens artistas, seguidos de outros mais famosos e mais velhos, carregaram sobre os ombros o corpo de Miguel Angelo que foi depositado na sacristia do cemitério de Santa Cruz. Foi impossível enterrá-lo hoje, tendo em vista a massa popular que se concentra em todas as ruas próximas e que impede o ato final, pois deseja desfilar diante do corpo.

Apesar de decorridas mais de três semanas de sua morte,

"O GIGANTE"

Miguel Angelo tinha 29 anos quando terminou sua primeira e uma de suas maiores obras-primas: "David". Colocada na Praça da Senhoria, em Florença, a gigantesca estátua reunia em torno dela gente de todas as condições sociais e de todas as idades. Como aconteceu na antiguidade, com a Vênus de Praxíteles, moças sentimentais se jogavam apaixonadas aos pés de "David".

Livros e livros poderiam ser escritos reproduzindo as expressões de pasmo e entusiasmo que encheram a praça durante os trinta anos em que nela "O Gigante" — como o apelidaram os florentinos — permaneceu.

Foi a primeira consagração universal do gênio de Miguel, consagração que levou a Florença verdadeiras peregrinações dos que queriam ver o maravilhoso David.



Nestes seus últimos dias de vida descansava de dia e trabalhava à noite, não dispensando até há bem pouco tempo os passeios a cavalo.

Sabemos que todos os seus bens, inclusive os trabalhos que se encontram em seu atelier deverão ser levados para Florença, estando o embaixador florentino devidamente instruído para isto.

É ainda do conhecimento geral a exigência dos conterrâneos de Miguel, no sentido de que, depois de sua morte, seu corpo seja transportado para aquela cidade, onde deverá dormir seu último sono.

O Papa assim como os altos dignitários de Roma são contrários a isso e desejam enterrar Miguel Angelo na Basílica do Santo Apóstolo para onde seu corpo está sendo transportado.

e embora não tenha sofrido qualquer processo de embalsamamento, o corpo de Miguel Angelo não apresenta nenhum sinal de decomposição. Seu rosto demonstra uma placidez tão grande, que ele parece dormir.

Apuramos que logo mais à noite se fará (em sigilo) a descida do corpo à sepultura.

QUEM ERA MIGUEL

Florença, julho, 1564

Não será com um simples despacho ou com as palavras de uma reportagem que poderemos levar ao mundo toda a longa, dramática e luminosa existência de Miguel Angelo Buonarroti, cujos funerais só agora tiveram lugar na igreja de S. Lourenço, tendo como orador fúnebre o artista Varchi.

A inveja, o ciúme, o despeito e o ódio não conseguiram vencer jamais a auréola de genialidade que levou Miguel ao ponto mais alto na consideração dos povos e dos poderosos.

Ele forma com Dante, Rafael e da Vinci os quatro cantos do retângulo da genialidade italiana.

Se pecados teve — e os teve muitos — seu gênio sempre os ofuscou. Generoso e afetuoso com os amigos, brigava muito com eles mas sempre voltava à paz. Mórbidamente solitário, teve uma só grande paixão:

Vitória Colona, viúva do marquês de Pescara, mulher que amou platônica e religiosamente.

Desde a sua meninice entusiasmou os mestres dos quais o primeiro foi Domenico Ghirlandaio em 1488, que disse a seu pai depois de alguns meses de permanência de Miguel em seu atelier: — «O discípulo sabe mais que o mestre.»

Desde os idos tempos de 1494, quando, ainda aos 20 anos, começava a conhecer os primeiros sucessos, sua atividade foi incessante. Naquele ano, aqui mesmo em Florença, sua terra natal, na noite de 22 de janeiro, ele foi incumbido de executar uma estátua na neve que caía abundantemente. Pedro de Médicis, o duque, embeveceu-se com o trabalho e tomou Miguel Angelo a seu serviço.

DESFIGURADO

Afirma-se que um dos motivos que levaram Miguel Angelo a um pessimismo exagerado e a uma angústia terrível em relação à humanidade foi um fato que se deu com ele em sua juventude.

Um escultor chamado Pietro d'Antonio, «o Torrigiano», também florentino e pouco mais velho que Miguel, teve um desentendimento com ele, desferindo-lhe violentíssimo soco no rosto. O artista ficou desacordado largo tempo e, ao recobrar os sentidos, verificou que «Torrighiano» o havia desfigurado para sempre.

O nariz de Miguel Angelo achatou-se sobre o rosto, emprestando-lhe à fisionomia um aspecto até mesmo rude. Esse Pietro d'Antonio, escultor mediocre, jamais imaginou que deixaria seu nome na história por ter modificado com um soco o rosto de um homem genial e incomparável.

A reportagem apurou que o agressor de Miguel Angelo, depois de uma série de peripécias na Espanha e na Inglaterra, veio a ser condenado por sacrilégio, em Valadolid, onde foi deixado a morrer de fome numa estreita cela.

O PAPA

Cinco papas permitiram que Miguel Angelo se sentasse ao seu lado e os tratasse até com familiaridade. Júlio II, um dos que mais prestigiaram o artista, teve um sério desentendimento com ele em 1506.

Miguel deixou-o e partiu para Bolonha. O Papa, esgotados os recursos para fazê-lo voltar, foi à sua procura! Acompanhava-o o cardeal Soderini. Travou-se então na casa onde se encontrava Miguel Angelo o seguinte diálogo que bem expressa até que ponto chegava o prestígio desse fabuloso homem.

— «Assim, tu esperavas que o Papa viesse buscar-te...»
— «Peço perdão a Vossa



É ELE MESMO

Detalhe da "Deposição de Cristo", uma das últimas obras de Miguel Angelo. Reproduzimo-lo pelo que ele apresenta de mais interessante. É que o velho que sustenta o Cristo foi esculpido tendo como modelo de seu rosto o próprio rosto do escultor, com algum embelezamento do nariz deformado.

Santidade, mas não pude tolerar os insultos de que fui vítima.»

Foi então que interveio o cardeal: — «Vossa Santidade não deve exagerar a falta de Miguel Angelo. Ele é um homem sem educação. Quando não se trata de sua arte, os artistas não sabem como se comportar, são todos iguais.»

Diante das testemunhas estupefatas, Júlio II voltou-se furioso para o cardeal e bradou: — «Tu ousas dizer deste homem coisas que eu jamais ousaria dizer-lhe? Tu é que és um homem sem educação, um miserável indivíduo e não ele. Fora! Fora da minha vista com teu atrevimento!»

Nenhum fato, tanto quanto este, poderia dar uma exata medida do que foi Miguel Angelo, sabendo-se que, na ocasião, ele tinha apenas 31 anos!

OPINIÕES

Roma, julho, 1564

Nossos correspondentes colheram algumas opiniões sobre Miguel Angelo. Catarina de Médicis, rainha-mãe da Corte de França disse: «Nada há no mundo como ele que foi superior a todos do seu século.»

O grande Vasari que nos afirmou pretender escrever a biografia do ilustre morto, entre outras coisas nos disse: — «Além de outras artes e profissões, o céu o dotou do sentido da filosofia moral, que manifestou praticamente, para que o mundo o escolhesse e admirasse como espelho de vida, obras, costumes e ações humanas. Sobre a arte de Miguel julgo que quem vê o seu «David» não precisa ver mais nada do presente ou do passado: já viu o que há de mais genial em escultura.»

Vignere, artista de renome, afirma emocionado: — «Quando esculpia uma estátua, mesmo velho e enfermo, fazia sal-

tar os pedaços de mármore mais depressa, do que não o fariam três jovens escultores em três vezes mais tempo. Era algo incrível para quem não viu com os próprios olhos. Ele se atirava contra o mármore com tal impetuosidade que se esperava que todo o bloco estalasse em pedaços. Sacava enormes pedaços com precisão tal que, se tirasse um milímetro mais, estragaria todo o trabalho.»

RESUMO IMPOSSÍVEL

É praticamente impossível resumir mesmo numa grande reportagem, o que foi a obra de Miguel Angelo. Aconselhamos os leitores a consultarem a coleção de O BRASIL EM JORNAL que, na medida do possível, registrou as principais obras do gênio florentino.

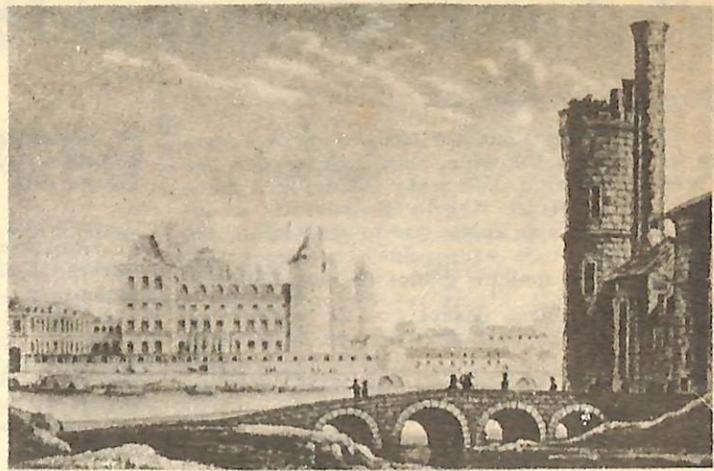
Como pintor, devemos ressaltar mais uma vez sua obra verdadeiramente divina, «O Juízo Final», decorando a Capela Sistina e sobre a qual, quando terminada, publicamos detalhada reportagem.

Escultor, poeta, pintor e mesmo excelente músico, sua obra artística se inspirou sempre em tendências neoplatonistas que ele, ainda jovem, bebeu na fina flor do humanismo florentino.

As estátuas de «David» e de «Moisés», assim como o túmulo dos Médicis, podem ser enfileirados como das muitas maravilhas de seu genial trabalho.

Falando ao repórter, Vasari mostrou-lhe uma carta muito antiga que lhe escrevera Miguel Angelo e na qual deixava transparecer, já então, toda a amargura que marcou sua vida, principalmente depois da morte do pai, do seu irmão preferido e de sua religiosamente amada Vitória Colona: — «Não há nenhum dos meus pensamentos em que a morte não esteja esculpida.»

CARAVANA REAL DÁ VOLTA À FRANÇA



LOUVRE

Ao fundo, tal como é, o palácio de onde partiu a fantástica caravana

Com 8 mil cavalos, centenas de carruagens, cofre com o tesouro, farmácia e confeitaria, passou o carnaval em Fontainebleau e encontrou a peste em Lion

Paris, 24, janeiro, 1564 (Da sucursal)

A mais estranha e pitoresca caravana real de que se tem notícia partiu hoje desta cidade para uma viagem de cêrca de três mil quilômetros: com oito mil cavalos, centenas de carruagens e todos os pertences da Côrte — Catarina de Médicis, acompanhada de sua família e dos principais cortesãos, saiu para mostrar ao filho Carlos IX todo o reino.

A caravana saiu do Palácio do Louvre comboiada pelo luxuoso coche real, puxado por seis garbosos cavalos. Além da idealizadora da viagem (a idéia foi de Catarina, mas a organização, de Mont-

morency) vão no carro todos os seus filhos, menos Carlos IX, que preferiu cavalgar à parte da "barulhenta caravana".

Seguindo o coche, 16 animais gigantescos carregam um imenso cofre

cidade descansamos vinte dias e passamos a Páscoa.

Em seguida, continuamos em marcha forçada, percorrendo 20, 30 e até 40 quilômetros por dia: Châlons, Bar-le-Duc, Langres, Dijon, Mâcon nos receberam em festa. Em Mâcon, a rainha de Navarra, Joana de Albret, veio com grande pompa ao encontro da caravana, escoltada por 300 cavaleiros em armas e acompanhada por ministros, todos huguenotes.

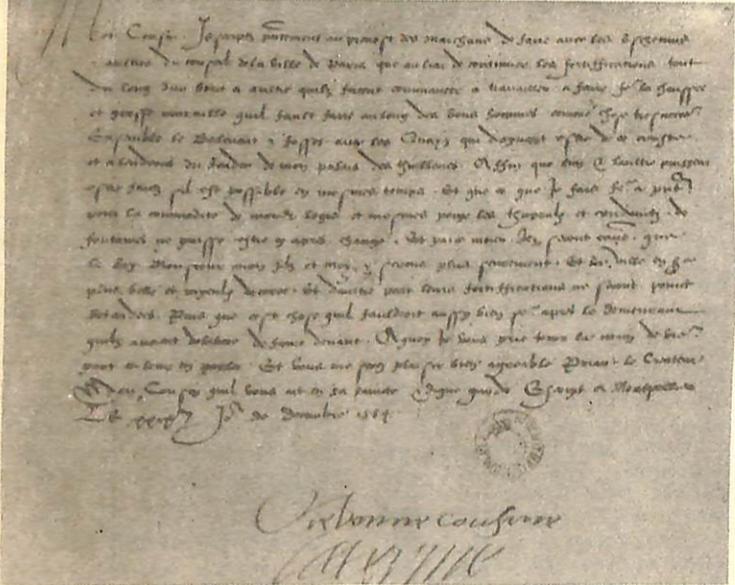
Embarcamos, então, numa suntuosa galera para chegar a Lion. Aí, houve um incidente entre Catarina e Joana, obrigando esta a abandonar a "Volta à França".

A peste que se declarou em Lion nos forçou a fugir em pânico. A partir de então, todos os recordes de velocidade foram batidos. Corremos a Romans, precipitamo-nos sobre Valence. Chegamos a Avignon, onde não encontramos nenhum habitante: a caravana real para eles não passava de portadora da peste.

Finalmente, atingimos Salon-de-Provence e encontramos o adivinho Nostradamus. Catarina procurou-o logo para uma consulta e o médico pediu que lhe mostrassem o pequeno príncipe de Navarra, que acompanha a caravana. Quando o menino Henrique entrou (nu) na sala, Nostradamus contemplou-o demoradamente e disse ao governador de La Gaucherie: "Este príncipe terá tôda a herança e se

Deus lhe der a graça (a La Gaucherie) de viver muito tempo, terá por mestre um rei da França e de Navarra".

Depois dêste acontecimento, passamos por Aix-en-Provence, Hyères, Toulon, Arles, Nimes e finalmente Montpellier, que pretendemos deixar em breve, se a neve permitir, pois no momento em que enviamos êste despacho uma forte tempestade se faz anunciar.



Este bilhete foi escrito por Catarina em Montpellier e enviado à côrte juntamente com o despacho de nosso enviado especial. Um e outro trazem a data de 26 de dezembro. Ela quer saber notícias de Paris

contendo o tesouro, registros e arquivos do reino. Em seguida, numa interminável fila de carros pesados, seguem as mobílias da côrte: camas, mesas, armários, tapêtes, peças de sêda, chapêus, utensílios de cozinha etc.

Sôbre um outro carro, foi instalada a famosa farmácia de campanha de Catarina, repleta de unguentos, pomadas, elixires e tôda sorte de remédios. Em grandes malas de couro negro, ornadas com pregos de ouro, vai o material para os torneios e festas: lanças, espadas, adagas, vestimenta para bailes e instrumentos musicais. Um animal de baixo porte, com freios de ouro, leva as caixas de doces, frutas e outros petiscos para a rainha-mãe.

A caravana seguiu para o castelo particular de Catarina, em Saint-Maur, de

onde partirá para Fontainebleau. Aí ficará 43 dias, aproveitando para passar o carnaval.

ENCONTRO COM NOSTRADAMUS

Montpellier, 26, dezembro, 1564 (Do enviado especial)

Após um ano de exaustiva viagem cheia de peripécias, chegamos a esta pequena cidade, onde passamos o Natal. Depois que deixamos Saint-Maur, percorremos as seguintes etapas: 1ª Fontainebleau-Montereau (20 quilômetros); 2ª Montereau-Sens (36 quilômetros); 3ª Sens - Villeneuve-l'Archevêque (24 quilômetros); 4ª Villeneuve-l'Archevêque-Troyes (44 quilômetros). Nesta última



HENRIQUE (de Navarra)
Nostradamus prevê para ele uma outra coroa: a de França

NINGUÉM PODE MAIS CASAR SEM LICENÇA

Roma, 1564

Todos os casamentos clandestinos, até então reconhecidos pela Igreja católica, serão, de agora em diante, anulados de plano.

Esta é uma das conseqüências do que ficou assentado no Concílio de Trento. Tais casamentos vinham causando sérios embaraços à boa formação da família, além das péssimas repercussões em sociedade.

Um padre desta cidade explicou-nos o alcance da medida: «a falta de codificação dificultava sobremodo a fiscalização que poderíamos exercer eventualmente. Os que se casavam em clandestinidade usavam de mil artifícios para enganar-nos. Mais tarde, tais casamentos se revelavam como fatores de desagregação na família, o que era o princípio de decomposição social. Agora, o concílio deu-nos armas para exigir dos que se casam provas de consentimento paterno. A família poderá defender-se e a sociedade será preservada.»

Ivan, o terrível, "fugiu" de Moscou

Moscou, 3, dezembro, 1564 (Urgente)

O pânico e a incerteza tomaram conta dos habitantes desta cidade. Inesperadamente, Ivan, o Terrível, deixou hoje a capital, acompanhado de sua mulher e de alguns servidores, levando o tesouro da coroa e as imagens sacras da família. Uma força armada protegeu os retirantes.

O temor do povo e dos que cercam o czar é motivado pela nostalgia que se apossou de Ivan, desde a morte de sua primeira mulher. Nostalgia e mau-humor que se agravaram com a recente traição do seu confidente preferido, o príncipe Kurbisky.

Duas versões oficiais explicam a «fuga» do czar: perda de confiança nos seus auxiliares e desgosto pela perseguição dos boiardos aos cristãos. No entanto, um terceiro motivo (a que o noticiário oficial não faz referência) parece ser o mais provável: Ivan quer, antes de implantar a ditadura que tanto deseja, sondar o in-

teresse do povo na sua pessoa, provocando apelos para que volte.

Inquirido pelo repórter sobre que destino tomaria, o czar respondeu que não sabia. Mas podemos adiantar, com segurança, que o lugar escolhido para refúgio foi Alexandrov, a alguns quilômetros desta capital.

PADRE BRÁS TRAZ A PAZ

Pôrto Seguro, dezembro, 1564 (Do correspondente)

Sem blasfêmias e sem inimizades, esta capitania atravessa período administrativo de grande tranqüillidade. No momento, graças à ação serena do padre Brás Lourenço, Pôrto Seguro não tem criado problemas ao poder central.

O sacerdote é amigo de todos e as antigas dissensões, habitualíssimas aqui, cessaram como que por encanto à sua chegada.